

um olhar sobre a obra de

*Eça de Queiroz*

comemoração do centenário da morte



um olhar sobre a obra de

# *Eça de Queiroz*

comemoração do centenário da morte

colectiva de desenho

9 de Junho a 31 de Julho

galeria de exposições augusto cabrita



Um Olhar sobre a Obra de Eça de Queiroz assinala as comemorações do centenário da morte deste grande escritor português.

Ao aliar dois géneros artísticos - a pintura e a literatura - procurámos apresentar ao público um conjunto seleccionado de livros da vasta obra de Eça de Queiroz: *Contos*, *Os Maias*, *A Relíquia*, *A Capital*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *O Mandarim*, *O Conde de Abranhos*, *Prosa Bárbara* e *O Crime do Padre Amaro*.

Os pintores Albino Moura, Cidália Rodrigues, Edgardo Xavier, Helena Garcez, Helena San Payo, José Eliseu, Manuela Costa Pinto, Mariana Sampaio e Mário Vinte e Um inspiraram-se nesses livros para, através do desenho, enriquecerem as páginas dessas obras literárias.

Contudo, podemos apreciar estes desenhos que, pela sua originalidade e versatilidade, adquirem um estatuto próprio e autónomo.

Este desígnio encontra-se patente nesta mostra pela linguagem e critérios plásticos e pelo tratamento dos temas representados, à qual os artistas convidados aderiram com o seu empenho e criatividade.

Com efeito, estamos perante uma exposição colectiva de desenho, com a presença de diversos livros, onde cada artista agiu plasticamente sem desvirtuar o seu percurso pictórico, ao utilizar a sua sensibilidade e singularidade, adquirindo uma grandeza global e universal.

Câmara Municipal do Seixal  
Maio 2002

the first of the four great classical novels of the Ming and Qing dynasties. It is a long, sprawling work that covers a vast range of subjects, from the lives of the great heroes to the lives of the common people. The novel is written in a style that is both elegant and accessible, and it is a masterpiece of Chinese literature.

The novel is set in a world that is both real and imaginary, and it is a story of love, war, and adventure. The characters are well-developed and the plot is full of twists and turns. The novel is a testament to the power of the Chinese language and the richness of Chinese culture.

The novel is a masterpiece of Chinese literature and it is a work that has inspired generations of readers. It is a story that is both timeless and relevant, and it is a work that is a true gem of Chinese literature.

The novel is a work of art that is both beautiful and powerful. It is a story that is both inspiring and moving, and it is a work that is a true masterpiece of Chinese literature.



Apesar de tudo o que a humanidade possa ter em comum, são únicos todos os homens. Tocados pela diferença desde o seu mais insipiente começo, nascem dotados de potencialidades distintas e aportam a gnoses e experiências que são particulares e eminentemente pessoais. Daí que toda a comunicação se receba de modo diverso por ter de, fatalmente, interagir com o que somos e com o apetrechamento que temos para a sua recepção. Perante as narrativas e as criações de um génio tão acutilante como o escritor Eça de Queiroz, diversificam-se as imagens dos que, sentindo-o peculiarmente, respondem de acordo com o seu entendimento, formação, tendência estética e sensibilidade.

A técnica, o estilo ou a linguagem própria de cada autor aqui representado operam a heterogeneidade dos trabalhos expostos. Factuais uns e surreais outros, todos se pretendem como eco ou resposta a um repto que pode ser mais ou menos definido, solto, ou enquadrável no clima que Eça descreve, quer nas sentenças que dita quer nas frases que põe na boca das suas personagens...

Na verdade é todo o século XIX que, pelas reminiscências dos seus familiares ou pela própria vivência do escritor, nos é retratado de forma incomparável e sempre magistral. A política, a sociedade, a religião, o cosmopolitismo urbano e a simplicidade rural são vertentes de uma intervenção que se percebe actual, tão evidente é o paralelismo que nos remete para esta contemporaneidade recheada de gente idêntica e orbitada por questões, problemas e premências semelhantes.

Mas... acentuávamos a naturalidade com que cada um destes artistas plásticos geriu a obra do escritor para construir as ilustrações expostas, seleccionando os pedaços de prosa mais adequados ao seu próprio discurso.

Albino Moura diz-nos de um Éden que estica o Génesis bíblico até Darwin, tão ressonantes nos parecem as formas, oscilando entre ambiguidades biológicas capazes de reportar toda a ontogenia das espécies mas sem elidir a criação divina de Adão e Eva, imutáveis e certos com o pintor que os inventou.

Cidália Rodrigues, antologando figuras e personagens, os grupos de notáveis e os enquadramentos à época, com o casarão dos Maias como referente e moldura, como suporte e emergência de um certo viver dileitante, coquete e decadente.

Edgardo Xavier, divagando depois de partir de recordações já delidas de *A Relíquia*, torceu o rigor de situações e pessoas para se divertir recriando atmosferas, mais atrás da fluência de manchas e traços que de uma história realmente crítica sobre religião e religiosos. Privilegiou, a escultora Helena Garcez, a visão dos

Salões de D. Joana Coutinho numa das "soirées ecléticas" descritas em *A Capital*. Avantajando os rostos, tipifica gestos e modos, olhares e posturas. Ao fundo as elegantes aguardam pelo começo da valsa ao piano e, como é previsível, todos têm o convicto ar de quem está bem no seu papel. Risonhas ou sérias, românticas ou indiferentes, lá estão as caras que povoam os registos desta autora. Como quem reporta fenótipos na certeza de que trazem consigo o enredo da história.

Helena San Payo preferiu compor, com elementos alegoricamente dispostos, os seus desenhos. Cruzam-se neles episódios concretos com discretas alusões ao ambiente das estâncias da fidalguia provinciana. Nos primeiros planos as figuras mais destacadas no texto, vestem o requinte e a pobreza, a placidez do sono, a serenidade ou a soberba.

José Eliseu, de modo ingenuista, ilustra *Prosa Bárbara*. O lenhador de *Entre a Neve*, grita o seu desencanto no meio de duas árvores antropomórficas, ali postadas em simetria quase perfeita. Com grande economia de meios, traduz o dramático sentido do conto numa muito significativa linearidade. Ao ilustrar *O Lume* mantém-se coerente com a sua linha estética, embora sem a imaginação e a fantasmagoria usualmente presentes nos seus trabalhos.

Pormenor, feminilidade e elegância caracterizam o trabalho de Manuela Costa Pinto. A figuração ganha escala e força à medida que os olhos avançam da profundidade para uma espécie de ribalta do quadro, afinal o lugar importante desta visão de *O Mandarin*. Acontece que outros pólos de interesse existem no desenho que se cumpre em sugestões muito ricas até à linha do horizonte, merecendo esta chamada de atenção.

Mariana Sampaio, no seu costumeiro humor surreal, deixa que as palavras assumam um valor plástico essencial quando as faz habitar balões onde os conceitos se dividem entre códigos caligráficos e imagens que aludem, redundantemente, ao respectivo conteúdo do texto pelo qual optou. Sem dúvida com inteligente originalidade e muito acerto.

Terminando com Mário Vinte e Um este comentário, fazemos ressaltar o seu gosto pelas emoções fortes aqui referidas em sobriedade e jeito expressionista. Revelando-nos a sua leitura de *O Crime do Padre Amaro*, este pintor retém o fundamental, transmitindo-nos, com inegável talento e muita liberdade, um dos temas mais marcantes da literatura de Eça de Queiroz.

Sintra, Maio de 2001

Edgardo Xavier  
Pintor e Crítico da A.I.C.A.



## 1845

• Nasce José Maria de Eça de Queiroz, na Póvoa do Varzim. Filho natural do magistrado José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça, é registado como filho de mãe incógnita. Baptizado em Vila do Conde, viverá até 1855 em Verdemilho, em casa dos avós paternos, apesar de o casamento dos seus pais se ter realizado quatro anos depois do seu nascimento.

## 1855

• É matriculado no Colégio da Lapa, na cidade do Porto, dirigido pelo pai de Ramalho Ortigão. Aí fará a escolaridade obrigatória até ao seu ingresso na Universidade.

## 1861

• Matricula-se no primeiro ano da Faculdade de Direito de Coimbra, onde conhecerá Teófilo Braga e Antero de Quental, entre outros.

## 1870

• Regresso a Lisboa, publicando no *Diário de Notícias* os relatos da viagem com o título «De Port-Saïd a Suez».  
• Publicação no mesmo jornal de *O Mistério da Estrada de Sintra*, em colaboração com Ramalho Ortigão (de Julho a Setembro).  
• Nomeado administrador do concelho de Leiria.  
• Em Setembro presta provas para cônsul de 1ª classe, ficando classificado em primeiro lugar.

## 1871

• É publicado o primeiro volume d' *As Farpas* dirigido por E. Q. e Ramalho Ortigão.  
• Realizam-se as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, não se tendo cumprido a totalidade do programa previsto devido à proibição governamental ter impedido a sua continuação. Eça profere a quarta conferência intitulada «A Nova Literatura ou o realismo como Expressão de Arte».

## 1872

• É nomeado cônsul de 1ª classe nas Antilhas espanholas. No final do ano será empossado no seu cargo em Havana, aí permanecendo durante dois anos.

## 1876

• Primeira edição em livro de *O Crime do Padre Amaro*.  
• Conclusão de *O Primo Basílio*, em Newcastle.

## 1877

• Publicação no jornal portuense *A Actualidade das Cartas de Inglaterra*, mantendo a sua colaboração até 1878.

## 1878

• Contactos com o editor Chardron, apresentando o projecto das *Cenas da Vida Portuguesa*, a ser desenvolvido em 12 volumes.  
• Publicação de *O Primo Basílio* (1ª e 2ª edição).  
• Transferência para o consulado de Bristol.

### 1866

- Envia ao Teatro D. Maria I a tradução da peça de José Bouchardy, intitulada *Filidor*.
- Forma-se em Direito e instala-se em Lisboa, em casa dos pais, no Rossio, 26, 4º andar, inscrevendo-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça.
- Inicia a publicação de folhetins na *Gazeta de Portugal* num total de dez artigos que serão reunidos em *Prosas Bárbaras*.
- Conhece Jaime Batalha Reis na Redacção da *Gazeta de Portugal*.
- Parte para Évora no final do ano, onde irá fundar e dirigir o jornal da oposição *Distrito de Évora*, mantendo a sua colaboração na *Gazeta de Portugal*.

### 1867

- Inicia a sua actividade como advogado.
- Em Julho deixa a direcção do *Distrito de Évora*, regressa a Lisboa e retoma a sua colaboração na *Gazeta de Portugal* de Outubro a Dezembro.
- No final do ano forma-se o Cenáculo, contando-se E.Q. entre os primeiros membros. Dele farão parte Salomão Saragga, Jaime Batalha Reis, Augusto Fuschini, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, José Fontana, entre outros.

### 1869

- Os primeiros versos de Carlos Fradique Mendes, «o poeta satânico», são publicados na Revolução de Setembro.
- Viagem pelo Egipto e Canal de Suez em companhia do conde de Resende.

### 1873

- Viagem pelo Canadá, os Estados Unidos e a América Central.

### 1874

- Publicação do conto *Singularidades de Uma Rapariga Loura* no «Brinde aos senhores assinantes do *Diário de Notícias*».
- Transferência para o consulado de Newcastle-on-Tyne.

### 1875

- Publicação na *Revista Ocidental*, de *O Crime do Padre Amaro*.

### 1878

- Escreve *O Conde de Abranhos*.
- Inicia a sua colaboração com um jornal do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*, que só terminará em 1897.

### 1880

- Segunda edição em livro de *O Crime do Padre Amaro*.
- Publicação do folhetim *O Mandarim* no *Diário de Portugal*.
- Publicação dos contos *Um Poeta Lírico* e *No Moinho*, em *O Atlântico*.

### 1883

- É eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências.
- Refaz *O Mistério da Estrada de Sintra*.
- Data provável do manuscrito de *Alves & C.ª*.



#### 1884

- Visita a Costa Nova na companhia da condessa de Resende e das suas filhas Emilia e Benedita.
- Publicação na *Revue universelle internationale* da tradução francesa de *O Mandarim*, com um prefácio de Eça, escrito em francês.
- Segunda edição de *O Mistério da Estrada de Sintra*.

#### 1885

- Visita Zola em Paris.
- A sua legitimação é tornada oficial pelos pais.

#### 1886

- Casamento com Emilia de Castro Pamplona (Resende), no oratório particular da Quinta de Santo Ovídio, no Porto.
- Prefacia *Azulejos*, do conde de Arnoso e o *Brasileiro Soares*, de Luís de Magalhães.

#### 1890

- Publicação do primeiro volume de *Uma Campanha Alegre*, reunindo a colaboração de Eça n' *As Farpas*.
- A Correspondência de Fradique Mendes* termina a sua publicação na *Revista de Portugal*.

#### 1891

- Traduz *As Minas de Salomão*, de Henry Rider Haggard.

#### 1892

- Publicação do conto *Civilização*, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

#### 1896

- Organiza, com os mesmos colaboradores, *O Almanaque Enciclopédico para 1987*.
- Publicação de Antero de Quental *In Memoriam* em que Eça colabora com o texto «Um génio que era um santo».

#### 1897

- Começa a publicação em Paris da *Revista Moderna*. Nos dois primeiros números publica os contos *A Perfeição* e *José Matias*.
- A Ilustre Casa de Ramires* começa a ser publicada nessa revista, no número de Dezembro, dedicado a E. Q.

#### 1898

- Publicação na *Revista Moderna* d' *O Suave Milagre*.

### 1887

- Concorre com *A Relíquia* ao prémio D. Luís da Academia Real da Ciências, perdendo a favor de Henrique Lopes de Mendonça com a obra *O Duque de Viseu*.
- Publicação de *A Relíquia*.

### 1888

- Nomeação como cônsul em Paris.
- polémica com Pinheiro Chagas a propósito da atribuição do Prémio D. Luís.
- Publicação de *Os Maias*.
- Publicação no *Repórter*, dirigido por Oliveira Martins, de algumas «Cartas de Fradique Mendes».
- Forma-se em Lisboa o grupo dos «Vencidos da Vida».

### 1889

- Prefacia as *Aquarelas*, de João Dinis.
- Sai o primeiro número da *Revista de Portugal*, de que é director.

### 1893

- Publica na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro *A Aia*.

### 1894

- Escreve *A Ilustre Casa de Ramires*.
- Publicação de *As Histórias: o Tesouro e As Histórias: Frei Genebro*, na *Gazeta de Notícias*.

### 1895

- Organiza, em colaboração com José Sarmiento e Henrique Marques, *O Almanaque Enciclopédico para 1896*.
- Publicação de *O Defunto* na *Gazeta de Notícias*.

### 1899

- Manifesta-se sobre a condenação do capitão Dreyfus (carta de 26-9-1899 a Domício da Gama).

### 1900

- Morte após prolongada doença a 16 de Agosto, em Neuilly. Em Setembro, o corpo é trasladado para Portugal, realizando-se os funerais para o cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.
- Publicação, em volume, já depois da sua morte, de *A Correspondência de Fradique Mendes e A Ilustre Casa de Ramires*.

### Bibliografia

- João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, 3ª edição, Lisboa: Bertrand, 1980  
João Medina, *Eça de Queiroz e o Seu Tempo*, Lisboa: Livros Horizonte, 1972



		1900	MORTE
<i>O Suave Milagre</i>	1898	PARIS	1897 <i>A Perfeição</i> <i>José Matias</i> <i>A Ilustre Casa de Ramires</i> } (na Revista Moderna)
<i>In Memoriam de Antero de Quental</i>	1896		1895 <i>O Defunto</i>
<i>Frei Genezbro</i> <i>O Tesouro</i>	1894		1893 <i>A Aia</i>
<i>Civilização</i>	1892		1891 <i>Uma Campanha Alegre</i> (2. <sup>a</sup> vol.)
1. <sup>o</sup> n. <sup>o</sup> da <i>Revista de Portugal</i> <i>O Mandarim</i> (3. <sup>a</sup> ed.) <i>O Crime do Padre Amaro</i> (3. <sup>a</sup> ed.)	1889		1890 <i>Uma Campanha Alegre</i> (2. <sup>a</sup> ed. de <i>As Farpas</i> ) <i>Manuscrito de São Cristóvão</i> (?)
<i>Manuscrito de «O francesismo»</i> (?) <i>Manuscrito da carta a Camilo Castelo Branco</i> <i>O Primo Basílio</i> (3. <sup>a</sup> ed.) <i>A Relíquia</i>	1887		1888 « <i>Cartas de Fradique Mendes</i> » (n. <sup>o</sup> <i>O Repórter</i> ) <i>Os Maias</i>
(1886) CASAMENTO			1886 <i>Prefácios de Azulejos e de O Brasileiro Soares</i>
<i>Prefácio francês de O Mandarim</i> <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> (2. <sup>a</sup> ed.)	1884		1885 <i>Outro Amável Milagre</i> (1. <sup>a</sup> versão de <i>O Suave Milagre</i> )
<i>Manuscrito de Alves &amp; C.<sup>a</sup></i> (?)	1883		
<i>Manuscrito de O Conde de Abranhos</i>	1879		1880 <i>No Moinho</i> <i>Um Poeta Lírico</i> <i>O Mandarim</i> (1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> ed.) <i>O Crime do Padre Amaro</i> (2. <sup>a</sup> ed.)
« <i>Cartas de Inglaterra</i> » <i>Manuscrito de A Capital</i>	1877	LONDRES	1878 <i>O Primo Basílio</i> (1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> ed.) <i>Manuscrito de A Catástrofe</i> <i>Manuscrito d'A Tragédia da Rua das Flores</i>
<i>O Crime do Padre Amaro</i> (na Revista Ocidental)	1875		
<i>As Farpas</i>	1872		1876 <i>O Crime do Padre Amaro</i> (1. <sup>a</sup> ed. em livro)
<i>Conferência do Casino</i> <i>As Farpas</i>	1871		1874 <i>Singularidades de Uma Rapariga Loira</i>
<i>Distrito de Évora</i> ( <i>Páginas de Jornalismo</i> )	1867		1870 « <i>De Port-Saïd a Suez</i> » <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>
	1861		1866 « <i>Notas Marginais</i> » (na <i>Gazeta de Portugal</i> )
		1845	NASCIMENTO

<i>Cartas Inéditas de E.Q. etc.</i> (Ed. O jornal)	1987	<i>Correspondência (suplemento)</i> <i>Obras de E.Q., vol. IV, Lello ed.</i>	1986
<i>E.Q. Correspondência, 2 vols.</i> (Imprensa Nacional)	1983	<i>A Tragédia da Rua das Flores</i>	1980
<i>E.Q. e Jaime Batalha Reis</i> ( <i>Cartas e Recordações do Seu Convívio</i> ) <i>Folhas Soltas</i>	1966	<i>Cartas de E.Q. aos seus Editores</i> <i>Genelioux e Lugan (1887-1894)</i>	1961
<i>E.Q. Entre os Seus</i>	1949	<i>Cartas de E.Q. (ed. Aviz)</i>	1945
<i>Crônicas de Londres</i>	1944	<i>Novas Cartas Inéditas de E.Q. ...</i> <i>A Ramalho Ortigão</i> (Rio de Janeiro)	1940
<i>Cartas Inéditas de Fradique Mendes</i> <i>e mais Páginas Esquecidas</i>	1929	<i>O Egípto</i>	1926
<i>Correspondência Alves &amp; C.<sup>a</sup></i> <i>O Conde de Abranhos</i> <i>A Capital</i>	1925	<i>Últimas Páginas</i>	1912
<i>Notas Contemporâneas</i>	1909	<i>Cartas Familiares e Bilhetes de Paris</i>	1907
<i>Cartas de Inglaterra</i> <i>Ecos de Paris</i>	1905	<i>Prosas Bárbaras</i>	1903
<i>Contos</i>	1902	<i>A Cidade e as Serras</i>	1901
<i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> <i>A Ilustre Casa de Ramires</i>	1900		



## Singularidade de uma Rapariga Loura

"Só pela tarde, a cortina se franzia, se corria a vidraça, e ela, estendendo uma almofadinha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. (...) Era um leque magnífico e naquele tempo inesperado nas mãos plebeias duma rapariga vestida de casa. Mas ela era loura e a mãe tão meridional, Macário com esta intuição interpretativa dos namorados, disse à sua curiosidade: será filha de um inglês."



---

## Adão e Eva no Paraíso

“... diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto dum pêlo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma ruiva, dum ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às suas ancas arredondadas numa plenitude harmoniosa e fecunda. De entre os braços peludinhos, que cruzara, surdiam, abundantes e gordos, os dois peitos da cor do medronho, com uma penugem crespa orlando o bico, que se enristava, entumecido. E roçando, num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados, todo aquele sedoso e tenro ser se ofertava com submissão pasmada e lasciva. Era Eva...”





## Encontros do Saber e de Expressão

"(...) havia ruidosos e ardentes cavacos, em que a Democracia e a Arte, o Positivismo, o Realismo, o Papado... o Amor... E as discussões metafísicas, as próprias certezas revolucionárias adquiriram um saber requintado.

(...)

João Ega, com efeito, era considerado não em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas.

Isto lisonjeava-o: por sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a ordem social: queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do património, a repartição das terras, o culto a Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia; e, com a sua figura esgrouviada e seca, (...) tinha alguma coisa de rebelde e satânico.

(...)

Não vale a pena, senhor Afonso da Maia.

Neste país, no meio desta prodigiosa imbecilidade nacional, o homem de senso e de gosto deve limitar-se a plantar com cuidado os seus legumes: Olhe o Herculano.

(...)

Depois parou diante da larga barra de claridade que saía do portão do Grémio e foi para lá maquinalmente..."



## Memória do Passado e Síntese da Existência

"A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no Outono de 1875, era conhecida na vizinhança da Rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das janelas verdes, pela Casa do Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, com estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha um aspecto tristonho de residência eclesiástica... com uma sineta e com uma cruz no topo... O nome Ramalhete provinha decerto do quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do escudo de armas, (...) representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita (...)

- E aqui tens tu Carlinhos, a que nós chegámos. Não há nada com efeito que caracterize melhor a pavorosa decadência de Portugal, nos últimos trinta anos, (...)

Ainda falavam de Portugal e dos seus males, (...)

E aqui tens tu uma existência de homem!

(...)

E agora já é tarde, lembrou Ega. Então Carlos, até aí esquecido em memórias do passado e sínteses da existência, pareceu ter inesperadamente consciência da noite que caíra, dos candeeiros acessos."

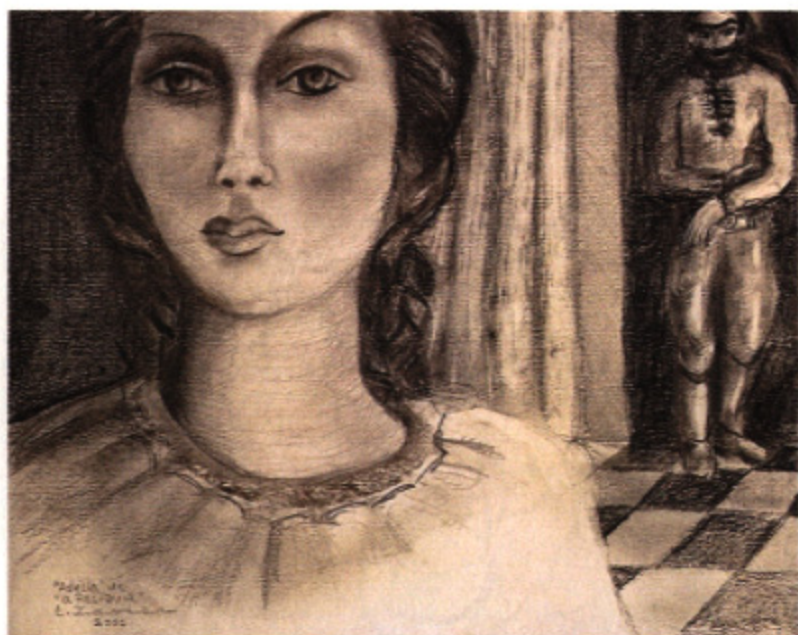




"- Está bem rosou a titi secamente. Era o que faltava, portar-se mal, sabendo o que eu faço por ele... vá, Vicência, leve-o lá para dentro... lave-lhe essa ramela, veja se ele sabe fazer o sinal da cruz..."



"Quando eu entrava abrasado encontrei-a por vestir, por pentear, mole, estremunhada e com olheiras."





## Entre a Neve

"O Lenhador, pela madrugada, ergueu-se da enxerga e acendeu a candeia. Junto da lareira, engelhado de frio, cavado de magreza, dormia um rapaz enrodilhado nos farrapos de uma manta. O pobre lenhador desfalecia de febre; até ao anoitecer da véspera andara pelo negro mato, e depois nem teve um magro caldo junto das sonolências da lareira.

Iam grandes neves pelos montes, e o triste tinha filhos pequenos, que à noite quando rezavam, todos arrepiados e magros, em redor da mãe, sufocavam no choro da fome: por isso àquelas horas, por entre os neveiros moles, ele ia pelos montes, pelas colinas, pelos pinheirais, rachar, cortar e desramar, a ásperos ventos, na grande neve silenciosa.

O lenhador caminhava para a banda dos montes.

A neve caía lentamente. A alma aconchegava-se dentro do corpo como um vestido santo, amedrontada pela dureza sobrenatural das coisas. Porque toda aquela natureza tinha estranhas barbaridades.

A manhã vinha escura, lenta e lacrimosa, como uma viúva à hora dos enterros: e à pouca luz ténue, os pedaços de gelo, pendurados dos cardos e das urzes, tinham os aspectos de farrapos de mortalhas: sobre as árvores imóveis, os pássaros quietos e mudos, eriçavam as plumagens aos ventos cortantes.

O lenhador caminhava sempre, rasgando-se nas silvas, orvalhado dos pingos das árvores, pálido e sereno.

Ia lento. Pensava nos lavradores que àquelas horas, nas terras quentes, saem, assobiando sob a noite religiosa e alumiada, entre as ervas altas, ao resplandecimento fecundo dos orvalhos, guiando pelos sulcos, enquanto as andorinhas gritam alegres e gloriosas, os bois fortes, lentos e bons. Ele tinha a mulher e os filhos esfomeados no casebre; desfazia-se em suores e em cansaços, e nem sempre aquelas faces amadas se enchiam das cores da vida. Era o frio, era a fome; nem uma manta nova, nem uma pouca de lã! O bom Deus, lá em cima, parece que está tão bem agasalhado ao calor dos seus paraísos e das suas estrelas, que não se lembra da pobre gente dos campos e dos montes que se arrepiava de frio. E havia gente que via sempre os filhos bem quentes e bem corados!"



## O Lume

"Tinhas em redor de ti a hostilidade dispersa: a grande floresta tenebrosa, que depois foi para ti berço, lenha, morada, navio, defesa e força, de ao pé de mim, da tua cabana ajoelhada ao sol, encontravas-te só, entre os seres implacáveis o mar que te ladrava, a vegetação espinhosa que te mordía, a chuva que te paralisava, a neve que te dava sudários. Tudo, sob a pressão doentia do sol, era para ti força inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te alumiava, que te dava a força, o pão ou a fé. Eu e a mulher, a minha companheira celeste e silenciosa ficávamos em casa, esperando os teus cansaços. Ela fiava, limpava o chão da cabana, tirava a água fresca, e adormecia o filho no seio branco como num leito espiritual: eu estava quieto e atento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humidade traiçoeira, fazendo um dossel de vida e de luz para o teu sono, dando à cabana a serenidade tépida, e às tuas fadigas um paraíso de sossego, de silêncio e de calor. Em volta de mim criou-se a família. Eu era o purificador da tua natureza. Era o Deus presente e bom, que fecunda as almas, fortalece os braços e ampara na hora das dores. Eu tenho ainda por ti aquele amor servil e adulator, que se glorifica quando abdica, que tem um êxtase quando se dá a uma humilhação. Quando te afastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me, toda esta grande alma de chama, que te quer tão bem, se definha e apenas ficam as brasas, ainda quentes, ainda vermelhas..."





## O Sonho de Arturzinho

"Chamavam-lhe em Oliveira de Azeméis o Rabecaz. Era um homenzarrão, de carão audaz e vermelho, fortes bigodes de mosqueteiro, muito teso no seu casaco de alamares debruado de astracã, com o seu chapéu ao lado, a ponta do lenço muito de fora, o grande bengalão de cana-da-índia, parecia a Artur quando o via passar na praça, revirando para as criadas que iam à fonte os olhos avermelhados de genébra um destes mestres de armas, capitães a meio soldo, azedados e turbulentos, dos romances de Eugénio Sue."

(...)

"O outro, baixo e grosso, com a cabeça fincada entre os punhos, parecia absorvido no estudo de uma folha de papel escrevinhada: ergueu-se bruscamente, inquieto. Era Melchior. Tinha a calva precoce, chamada do deboche, sobre a qual repuxava um cabelo fino como teias de aranha; sob o nariz carnudo, arqueava-se um bigode espesso."

(...)

"... e Melchior, imediatamente apresentou-o ao Sr. Cravalhosa, o ilustre deputado.

Eu conheci V. Ex.<sup>a</sup> em Coimbra disse Artur com um esforço, corando.

Conhecera-o, quando Carvalhosa publicava meditações democráticas na Ideia, fazia discursos líricos no teatro académico e era ilustre por vícios que lhe tinham deixado para sempre, na face, uma amarelidão de héctico.

(...)

"A sua alegria foi completa quando um sujeito que estava a seu lado e no qual não reparara, se voltou para ele e lhe disse com amabilidade:

Então, mais descansadinho da sua jornada?

Não o tinha reconhecido! Era o sujeito do vagão, que trazia um cãozinho no cesto. Falaram das fadigas do comboio, do cão, da chuva no Entroncamento. Então Melchior, reparando no diálogo, estendeu precipitadamente a mão por trás da cadeira de Artur, exclamando:

- Ó João Meirinho, desculpe, homem, não tinha dado por você!

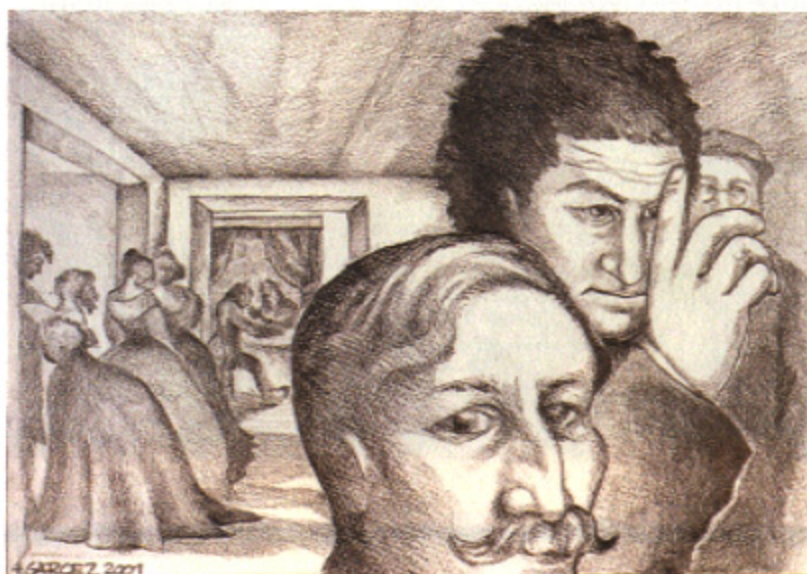
(...)

Falava com voz baixa, afectuosa, acariciando a sua bela barba clara, com a mão bem tratada, onde reluzia um brilhante; tinha na sobrecasaca a roseta da comenda de Carlos III de Espanha. E era tão afável que, ao assado, já dizia a Artur: - meu prezado amigo, meu bom companheiro de viagem!"



### Serão em casa da Sr.<sup>a</sup> D. Joana Coutinho

"Casada com um fidalgo da província, rico e já de idade, D. Joana Coutinho recebia às terças-feiras; aquelas *soirées* constituíam a sua posição social. De vez em quando com a prudência de quem esperta uma lareira que tende a esmorecer, alguns amigos (Bento Correia dizia «alguns devotos») faziam publicar nos jornais - «que as deliciosas terças-feiras, da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Joana Coutinho, continuavam a ser a grande atracção da sociedade elegante». Dizia-se geralmente que eram «*Soirées* ecléticas»: viam-se, com efeito, nas três grandes salas seguidas, velhos fidalgos, novos deputados, jornalistas, um ou outro banqueiro, algum ministro, poetas e estrangeiros. Às vezes recitava-se, quando dominavam as raparigas, valsava-se ao som do piano."





# Helena San Payo

"... Então o Fidalgo cruzou descouçadamente os braços embaraço daquela aventura, em que por culpa da sua ferocidade, se arriscavam duas crianças. Mas a Rosa entendia que a pequenina, a de mama, não sofreria com a caminhada, bem achegadinha ao colo da mãe, debaixo de uma manta grossa, agora o outro com a fome, com a febre..."



“... Gracinda Ramires desabrochava na flor dos seus dezasseis anos, e mesmo em Oliveira lhe chamaram a “flor da Torre”. Ainda então vivia a governante inglesa de Gracinda, a boa Miss Rhodes que, como todos na Torre, admirava com entusiasmo André Cavaleiro pela sua amabilidade, a sua ondulada cabeleira romântica, a doçura quebrada dos seus olhos largos, a maneira ardente de recitar Victor Hugo e João de Deus.”





# Manuela Costa Pinto

"No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a fábula ou a história contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta ao teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?"  
(...)

"Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metálica me disse, no silêncio:

Vamos, Teodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja forte!"



"Era ele outra vez!

E foi ele, perpetuamente! Foi ele em Singapura e em Ceilão. Foi ele erguendo-se dos areais do deserto ao passarmos no canal do Suez; adiantando-se à proa de um barco de provisões quando parámos em Malta; resvalando sobre as rosadas montanhas da Sicília; emergindo dos nevoeiros que cercam o morro de Gibraltar! Quando desembarquei em Lisboa, no Cais das Colunas, a sua figura bojuda enchia todo o arco da Rua Augusta; o seu olho oblíquo fixava-me e os dois olhos pintados do seu papagaio pareciam fixar-me também..."





# Mariana Sampaio

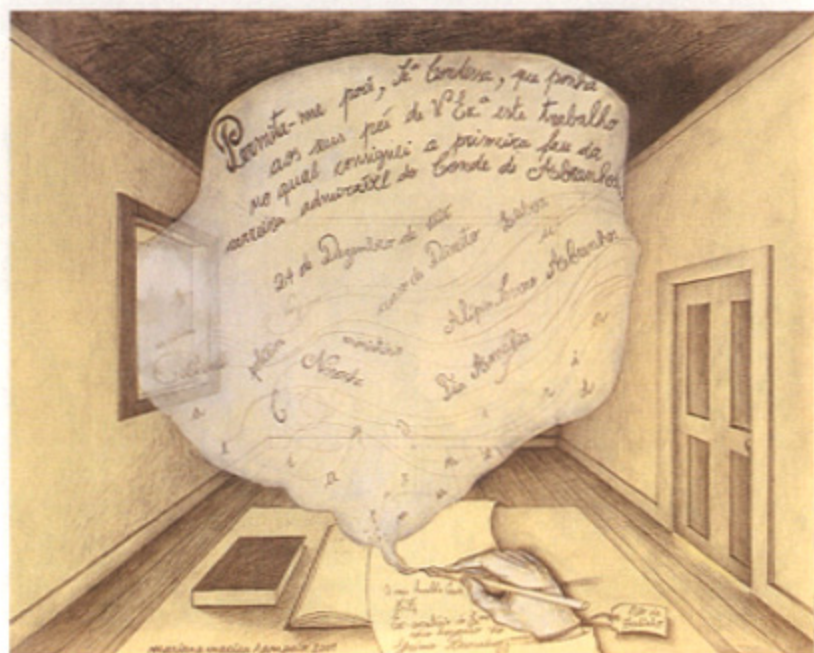
"... Permita-me pois, Sr<sup>a</sup> Condessa, que ponha aos pés de V. Ex.<sup>a</sup> este trabalho, no qual consignei a primeira fase da carreira admirável do Conde de Abranhos, essa ascensão vertiginosa às culminâncias do poder, de modesto filho de Penafiel a ministro ilustre, e onde deixei o que na minha alma existe de melhor, de mais nobre, de mais duradouro. A minha respeitosa admiração pela grande figura do Conde de Abranhos. Sou de V.Exa.

O mais humilde criado

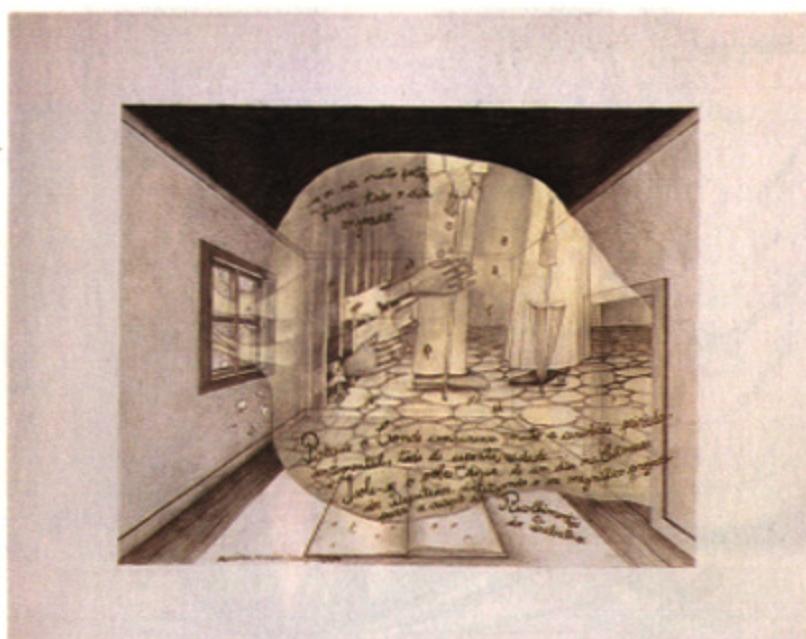
Z.Z.

Ex-Secretário do Exm<sup>o</sup> Sr. Conde Abranhos,  
Sócio honorário do Grémio Recreativo do  
Rio Grande do Sul.  
108 Rua do Carvalho  
Lisboa 1<sup>o</sup>, de Janeiro de 1879."

(Carta de Zagalinho à Sr<sup>a</sup> Condessa, a explicar o seu trabalho)



" Isto fazia necessariamente que parte da população "tiritasse de frio e rabiase de fome". Era certamente lamentável, e ele, com o seu grande e vasto coração que palpitava a todo o sofrimento, lamentava-o. Mas a essa classe devia ser dada a esmola com método e discernimento: e ao Estado pertencia organizar a esmola. Porque o Conde censurava muito a caridade privada, sentimental, toda de espontaneidade. (...) "Isole-se o pobre!" dizia ele um dia na Câmara dos Deputados, sintetizando o seu magnífico projecto para a criação dos recolhimentos do trabalho. O Estado forneceria grandes casarões, com celas providas de uma enxerga, onde seriam acolhidos os miseráveis."





# Mário Vinte e Um

## O Crime do Padre Amaro

"Até nos compêndios encontrava a preocupação da Mulher! Que ser era esse, pois que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão estática, dando-lhe por aclamação o profundo Reinos dos Céus, - ora vai fugindo diante dela como do universal Inimigo, com soluções de terror e gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas e nos claustros, vai ali morrendo do mal de a ter amado?"



“... Não há pecado que Deus não perdoe, nem dor que não acalme, lembre-se disso... O que não deve é guardar em si o desgosto... É isso que a sufoca, que a faz chorar... Se eu lhe posso valer, sossegá-la, é procurar-me... Quando? disse ela toda desejosa já de se refugiar na protecção daquele santo homem. Quando quiser, disse ele rindo, Eu não tenho horas para consolar...”





## ALBINO MOURA

### Lisboa

#### FORMAÇÃO

Não estudou em Escolas de Arte.  
Decorador de Publicidade, Desenhador Gráfico,  
Ilustrador. Orientação de Fred Kradolfer, com quem  
colaborou em vários trabalhos de decoração.

#### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

##### A PARTIR DE 1990

(selecção)

##### 1990

- Inéditos, Nova Galeria de Arte, Barreiro
- Pintura, Casino de Vilamoura, Vilamoura

##### 1991

- Pintura, Ditec - Espaço de Arte, Lisboa (textos de Albino Moura e Rodrigues Vaz)
- Albino Moura, Galeria Escorial, Lisboa (texto de Rodrigues Vaz)

##### 1992

- Memória do Futuro, Ditec - Espaço de Arte, Lisboa

##### 1993

- Pintura, Roca Galeria de Arte, Marinha Grande (texto de Rodrigues Vaz)
- Galeria Vandelli, Coimbra 1994 Albino Moura,
- Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril (texto de Nuno Lima de Carvalho)
- Modelando a Memória, Galeria Artela, Lisboa (textos de Cidália Rodrigues e Edgardo Xavier)
- Os Rastos e os Laços, Galeria de Arte Grade, Aveiro

##### 1995

- Pintura, Atelier Edmundo Cruz, Colares
- Albino Moura, Galeria Lóios, Porto (texto de Carlos Lança)

##### 1996

- Quadros de Colecção, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal
- A Roda da Fogueira, Galeria Artela, Lisboa (texto de Fernando Azevedo)
- O Livro de Todas as Histórias, Galeria Atelier, Laranjeiro (texto de Maria Rosa Colaço)

##### 1997

- Pintura, Galeria Inquisição, Setúbal (texto de Cidália Rodrigues)
- Albino Moura, Galeria Inter-Atrium, Porto (texto de Fernando de Azevedo)

##### 1998

- Retrospectiva dos Primeiros Anos de Pintura, Galeria Municipal, Amadora (texto de Rodrigues Vaz)
- Os Fados, Galeria Artela, Lisboa (textos de Maria Rosa Colaço)

##### 1999

- Albino Moura, Atelier Edmundo Cruz, Colares
- Pintura e Desenho, Galeria Municipal de Arte, Almada (textos de Rogério Ribeiro e Edgardo Xavier)

##### 2001

- O Circo, Galeria de Exposições do Casino do Estoril, Estoril

#### Realizou diversas exposições colectivas

#### PRÉMIOS

##### 1981

- Prémio de Cartaz

##### 1982

- Prémio de Cartaz Câmara Municipal do Seixal

##### 1983

- Prémio de Cartaz do Sindicato dos Bancários
- Prémio Câmara Municipal da Amadora

##### 1984

- 3º Prémio de Cartaz das Comemorações do Dia de Camões

##### 1985

- 3º Prémio de Cartaz - Palmela

##### 1986

- Prémio de Cartaz Vila Franca de Xira

##### 1989

- Prémio de Pintura Manuel Filipe - Cascais

##### 1991

- Menção Honrosa Exposição de Pequeno Formato, Cascais

##### 1992

- Prémio I Salão de Artes Plásticas - Sintra
- Medalha de Prata da Costa do Estoril
- Monografia Cidade de Abrantes
- Prémio de Pintura Câmara Municipal de Abrantes
- Prémio de Pintura Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- Prémio do Salão Costa do Sol

#### REPRESENTAÇÕES

Câmara Municipal do Seixal; Museu de Arte de Moçambique; Museu Municipal de Almada; Museu Municipal do Sabugal e em colecções particulares nacionais e estrangeiras.

#### BIBLIOGRAFIA

##### VOLUMES

CARMO, Fernando Infante do - *Aspectos das Artes Plásticas em Portugal*.

MARTINS, Narciso - *Artes Plásticas em Portugal*.

MOURA, Albino - *O Inventado Olhar*, 1997.

TANNOCK, Michel - *Portuguese 20th Century Artists*.

VAZ, Rodrigues - *Albino Moura - A Cor do Imaginário. A Volta da Fogueira*.

CANCELA, Leite, *50 Anos de Pintura e Escultura em Portugal*, 1999

## CIDÁLIA RODRIGUES

### Distrito da Guarda, 1948

Curso de Artes Decorativas António Arroio, Curso de Pintura e Curso de Artes Plásticas e Design na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.  
Faz parte da IMARGEM - Associação de Artistas Plásticos de Almada e ARTES - Associação Cultural do Seixal.

#### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

(selecção):

##### 1989

-Galeria Arte & Vídeo, Almada

##### 1990

-Casa do Bocage, Galeria Municipal, Setúbal  
-Galeria Arte da Paiva, Barreiro

##### 1991

-Sala de Arte do Restaurante Escorial, Lisboa

##### 1994

-Lions Clube Almada - Tejo, Oficina da Cultura, Almada  
-Galeria Artela, Lisboa

##### 1995

-Galeria de Arte Estar, Lisboa  
-Galeria de Constância, Constância

##### 1996

-Leituras e Viagens, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal

##### 1999

-Segredos que a Luz não Adormece, Galeria Municipal Gymnásio, Lisboa

##### 2001

-Galeria Municipal de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal

#### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

(selecção a partir de 1990):

##### 1991

-Colectiva 13 + 2, Galeria Liberdade 190, Lisboa

##### 1992

-Dia da Mulher, Galeria Municipal de Almada  
-200 Artistas, S.N.B.A., Lisboa  
Pequeno Formato, Junta de Turismo, Sesimbra

##### 1993

-Galeria Vandelli, Coimbra

##### 1994

-Salão Internacional de Arte Postal - O Nu, Barreiro

##### 1995

-"Mulher no Feminino", Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal  
-IX Bienal da Festa do Avante, Seixal  
-Grupo Treze, Galeria Estar, Lisboa  
-Colectiva de Natal, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

##### 1996

-Grupo 13, Exposição 25 de Abril / 25 Obras - integrada nas Comemorações do 25 de Abril, Câmara Municipal de Almada  
-Leituras e Viagens, com Ana Lopes, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal

##### 1997

-Galeria do Hotel Vitória, Lisboa  
-Cidália Rodrigues, Luís Dias e Pé-Leve, inauguração da Galeria Municipal de Corroios, Corroios

##### 1998

-A ARTES em Lisboa, Galeria Parlatório, Lisboa  
-Solidariedade com a Associação Abraço, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal  
-5 Anos 25 Artistas, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal

##### 1999

-Colectiva da ARTES, Museu da Electricidade, Lisboa  
-Espírito de Abril, Grupo 13, Oficina da Cultura, Almada  
-25 Anos do 25 de Abril, Lisboa  
-25 Abril Colleurs, Bobigny, França  
-II Bienal Internacional do Alentejo + Estremadura, Casa do Alentejo, Lisboa  
-Bienal de Artes Plásticas da Festa do Avante!, Atalaia, Seixal  
-Momentos, Grupo 13, Galeria Municipal, Barreiro  
-Envio um Postal com Amor a Sintra, Entre Princesas, Fadas e Mouras Encantadas, Encontro Anual das Artes Plásticas, Sintra

##### 2000

-Preto e Branco, Grupo 13, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal  
-Galeria Artela, Lisboa  
-Rever Lisboa, Galeria da Cervejaria Trindade, Lisboa

##### 2001

-Envio um Postal com Amor a Sintra, Encontro Anual das Artes Plásticas, Galeria de Fatares, Sintra

#### BIBLIOGRAFIA

CARMO, Fernando Infante do: *Aspectos das Artes Plásticas em Portugal*; Lisboa, 1992  
*Catálogo Nacional de Antiguidades e de Arte*; Estar Editora, 1994  
Universitária Editora, Lda, *Artes Plásticas em Portugal*, 1999

#### ESCREVERAM SOBRE

##### A SUA OBRA

Albino Moura; Rodrigues Vaz; Rosário Ribeiro; Carlos Bicas; Fernando Pereira; Fernando António Baptista Pereira; Rogério Ribeiro.

#### REPRESENTAÇÕES

Galeria Artela, Lisboa; Museu Municipal de Almada; Restaurante Escorial, Lisboa; Câmara Municipal do Seixal; Museu da Cidade, Lisboa; Gravura 11; Espaço Chiado, Lisboa; Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril; Vila de Corroios, Corroios; Embaixada de Portugal, Palestina e em diversas colecções particulares.

#### PRÉMIOS

##### 1991

-2º Prémio Vinho do Porto (Confraria dos Vinhos do Porto), Régua



## EDGARDO XAVIER

### Huambo, Angola, 1946.

Cursou Medicina e Cirurgia até ao 6º ano nas Universidades de Luanda, Lisboa e Porto.  
Gerente da Galeria Tempo / Lisboa de 1978 a 1980, foi seu Director de 1986 a 1989.

Autor de ensaios sobre pintura e de numerosos textos de apresentação e de crítica de artes plásticas.  
Realizou intervenções nas Bienais Internacionais de Arte de Vila Nova de Cerveira (I, II, IV e X) como chefe do gabinete de Imprensa, crítico, conferencista e membro do júri.

Participou nas actividades paralelas das XVI e XVII Bienais de São Paulo.

Realizou conferências em Escolas, Seminários, Universidades e Museus em Estoril, Almada, Lisboa, Curitiba, Vitória, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro.

Ensaçou, desenhou figurinos e encenou o *Auto do Curandeiro*, de António Aleixo e a peça *O Casamento do Cabo D'Ordes*, de António Coelho (1976).

Orientou a construção da "1ª Escultura da Conceção Colectiva do País", Vimioso, 1976.

Sócio fundador e membro do Conselho Técnico da VIRAGEM Associação de Artistas Plásticos de Cascais, foi Presidente da sua Assembleia Geral.

De 1991 a 1993 é eleito para a Direcção da A.N.A.P. - Associação Nacional de Artistas Plásticos.  
Dirigiu as três primeiras edições da BIO / Bienal Internacional de Óbidos.

Autor de selos sobre os "5 Séculos de Evangelização de Angola".  
É membro da A.I.C.A. - Associação Internacional de Críticos de Arte.

A convite da Ministra da Cultura de Angola escreveu um projecto para a representação dos artistas plásticos na EXPO 98.  
Membro de júris nacionais e internacionais no País e no estrangeiro.

### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

#### 1989

-Junta de Turismo da Costa do Estoril, Estoril

#### 1990

-Galeria Sintra, Sintra

#### 1992

-Galeria Símbolo, Porto  
-Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

#### 1996

-Galeria "Casa Potthoff", Lisboa

#### 1998

-Pavilhão CPLP, EXPO 98, Lisboa

### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

(selecção):

#### 1989

-VI Bienal de Artes Plásticas do Avante!, artista convidado e membro do júri, Atalaia, Seixal

#### 1990

-I Congresso de Quadros Angolanos no Exterior, FIL, Lisboa

#### 1991

-XII Salão de Outono, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

-16 Anos/16 Artistas, Padrão dos Descobrimentos, Lisboa

-II Bienal do Sabugal

-VII Bienal de Artes Plásticas do Avante!, artista convidado e membro do júri, Atalaia, Seixal

#### 1992

-EXPO 92, Sevilha, Espanha  
-III Salão de Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-Artista convidado para Luanda 92  
-Certame Internacional de Pintura, Angola

#### 1993

-Mundial de Filatelia, Rio de Janeiro, Brasil  
-VIII Bienal de Artes Plásticas do Avante! (artista convidado), Atalaia, Seixal  
-Inauguração da Casa de Moçambique em Lisboa, como artista convidado para representar Angola, Lisboa  
-Espaço Gan, Lisboa

#### 1995

-Galeria "Casa Potthoff", Lisboa

#### 1996

-Anuário de Artes Plásticas, Estar, Convento do Beato, Lisboa  
-Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-Galeria Municipal, Rio de Mouro  
-Galeria JE, Lisboa  
-Casa de Portugal, Le Plaisir, Paris, França  
-Pessoa no Casino, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

-Zerofigura / Homenagem a Artur Bual, Galeria Municipal da Amadora, Amadora

#### 1997

-Outono Poético, Reguengos de Monsaraz  
-Homenagem a Rogério Amaral, Galeria de Arte da Cervejaria Trindade, Lisboa  
-Paisagem Portuguesa, Terras e Regiões de Turismo, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-4º Aniversário da Galeria Municipal, Rio de Mouro  
-Inauguração da Galeria A Musical de Cascais  
-Galeria JE, Lisboa  
-Salle Maubert, Paris, França

#### 1998

-Quinzena de Angola, Galeria Nova Ideia, Centro Comercial Colombo, Lisboa  
-Pavilhão C.C.P.L.P., EXPO 98, Lisboa  
-Pavilhão de Angola, EXPO 98, Lisboa  
-EXPOARTE, Intervenção de Rua, Tamariz, Estoril  
-Colectiva com João Charters de Almeida, Jacinto Luís e Mário Vinte e Um, Galeria JE, Lisboa  
-Arte Contemporânea, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-Homenagem a Luisa Guterres, Galeria Lagarto Pintado, Lisboa  
-Salão de Outono, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-LCR Chão de Meninos, Sintra

#### 1999

-Semana Africana, Faculdade de Medicina, Universidade Clássica, Lisboa  
-Galeria de Arte do Pessoal da RTP, com David Levy Lima, Malangatana e Roberto Chichorro;  
-10 Pintores Contemporâneos, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril  
-Colectiva Rotary Clube, Junta de Turismo de Sintra, Sintra  
-Concepção do troféu I Bienal de Artes Plásticas da Nazaré  
-Arte Contemporânea, Estoril  
-XV Salão de Outono, Estoril  
-Arte 21, Simpósio da Pedra, Arouca  
-Simpósio da Pedra, Cernancelhe

#### 2000

-Com Mário Vinte e Um e Santos Carvalho, Galeria Enes, Lisboa  
-Salão de Arte Contemporânea, Galeria de Arte do Casino Estoril  
-Com Mário Vinte e Um e Mofeliã, Convento de S. José de Lagoa, Lagoa

### PRÉMIOS

#### 1963

-Internacional de Pintura para Jovens Autores, Bona

#### 1965

-3º Prémio de Conto, R.C.M., Angola

#### 1967

-2º Prémio de Escultura, Residência Universitária Ruy Barbosa, Lisboa

#### 1972

-Cartaz das Festas de Stª Maria de Mação

#### 1997

-Menção Honrosa / Paisagem Portuguesa, Terras e Regiões de Turismo, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

### REPRESENTAÇÕES

Museu Municipal do Sabugal; Banco de Fomento e Exterior; Sonangol; Embaixada da República de Angola; Museu de Antropologia de Luanda, Angola; M.A.C. - Museu de Arte Contemporânea de Goiás, Goiânia, Brasil; Palácio Presidencial de Angola, Futungo de Belas, Luanda, República de Angola

### ESCREVERAM SOBRE A SUA OBRA

Guilherme de Melo; Carlos Lança; Hugo Xavier; João Martins; Manuela de Azevedo; Quirino Teixeira; Rodrigues Vaz; António Alfaite; Ana Paula Almeida; Jaime Isidoro; Jorge Guimarães; Maria Bjorn; Paula Castanheira; Nuno Rebocho; Mafalda Serrano e Jean Pierre Blanchon.

### BIBLIOGRAFIA

*Cargaleiro / 30 Anos de Pintura*, Ed. Atlântico; *Angola Minha Terra / Pintura de Neves e Sousa*, Ed. Atlântico; *Os Cinco Sentidos Mais Um / Pintura de Alexandre Baptista*; *Emerenciano / 20 Anos de Pintura*; Roberto Chichorro, Ed. Caminho; *Guia de Arte dos Artistas Africanos*, Paris; *Arteguia*, Ed. Livraria Barata, 1992; *Dicionário dos Pintores e Escultores Portugueses* V tomo, de Fernando Pamplona, Livraria Civilização; *Artes Plásticas em Portugal* 2º tomo, de Fernando Infante; *Gente Ilustre*, Univ. Editorial, Lisboa 1998; *A Terra / Pintura de Irene Gomes*, 1999; *Monografias Carlos Lança, João Ayres, Rodrigo Pombeiro, etc.*; *50 Anos de Pintura / Escultura em Portugal*, Editorial Universitária, Lisboa, 1999; *Catálogo da Leiria & Nascimento*, Outubro de 1999; *Cotações dos Artistas Portugueses em Leilões*, Jean Pierre Blanchon, editado em 1999 e 2000.

## JOSÉ ELISEU

Mexilhoeira Grande, Portimão.

Estudou no IADE, Lisboa.

Desde 1980 faz crítica de arte em jornais e revistas, onde convive e faz amizade com os maiores artistas nacionais e estrangeiros.

Tem participado em diversas exposições em Portugal e no estrangeiro com destaque para:

FIL Regiões, Lisboa

FIL Feira da Cultura, Lisboa

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa

Palácio Foz, Lisboa

Museu da Electricidade, Lisboa

Galeria Municipal da Amadora, Amadora

Palácio Anjos, Oeiras

Associação do Património Histórico Cultural de

Silves, Silves

Convento de S. José, Lagoa

Galeria Municipal de Abrantes, Abrantes

C.I.R. Mexilhoeirense, Mexilhoeira Grande

Galeria Municipal Gymnásio, Lisboa

Bienal Internacional de Artes, Brusque, Brasil

Stedelijk Hoger Instituut, Genk, Bélgica

Galeria la Viscontea RHO, Milão, Itália

100 Anos de Miró, Ciudad de Alarcón, Espanha

Tem painéis cerâmicos na sua terra natal, designadamente na Igreja Matriz e no Mercado Municipal.

Vem citado no livro *50 Anos de Pintura e Escultura em Portugal*, Universitária Editora e muitos críticos, artistas e escritores têm escrito sobre a sua obra, onde se destacam: António Ramos Rosa, Miguel Barbosa, Querubim Lapa, Rodrigues Vaz, António Manuel Venda, Dina Adão e Silva Carriço.

Está representado em diversas colecções particulares e no Museu Diogo Gonçalves, em Portimão.

## HELENA GARCEZ

Frequência dos cursos de formação artística da Sociedade Nacional de Belas Artes, 1986.  
Licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 1995.

### EXPOSIÇÕES

#### 1993

•Jafetú, Galeria 115, EMI Valentim de Carvalho, Lisboa

#### 1999

•Um Retrato para Fernando Pessoa, Associação Fernando Pessoa, - Espaço Mar Português e itinerância em dez mostras colectivas

#### 1993 a 2001

Diversas colaborações para catálogos de artistas plásticos e publicações afins.

## HELENA SAN PAYO

Licenciatura com distinção na Escola Superior de Belas Artes, Lisboa, 1966.  
Prémio Nacional de Pintura Veloso Salgado, Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa, 1966.

Medalha de Mérito Artístico Criarte Lisboa.  
Professora e Directora do "Graphic Arts Center", Universidade de Moncton, N.B. Canadá.

Bolsista, vários anos, da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

### REPRESENTAÇÕES E EXPOSIÇÕES

•Universidade de Moncton, N.B., Canadá  
•Beaver Brook Gallery N.B., Canadá  
•Parlamento de Ottawa, Canadá  
•Parlamento de St. John, N.B., Canadá

•Moncton Hospital Gal. Retratos, N.B., Canadá  
•Banco de Portugal, Lisboa  
•Banco de Fomento e Exterior, Lisboa  
•Banco de Angola, Angola  
•Museu da Água, Lisboa  
•Museu Gal. de Retratos, Caixa Geral de Depósitos, Lisboa  
•Museu de Arte Moderna, Caixa Geral de Depósitos, Lisboa  
•Fundação António José de Almeida, Porto  
•Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa  
•Galeria de Retratos, Ordem dos Advogados, Lisboa

Participou em cerca de 200 exposições colectivas e realizou 17 exposições individuais, em Portugal e no estrangeiro.  
Representada em colecções particulares do Canadá, EUA, França, Itália e em importantes acervos de colecionadores portugueses.



## MANUELA COSTA PINTO

Lisboa, 1931.

Curso Especial de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

**1956**

-Galeria Pórtico, Lisboa

**1996**

-Palácio do Beau Séjour, Lisboa

**1996/97**

-Hospital Garcia de Orta, Almada

**1998**

-Galeria de Exposições d'Amora, Biblioteca Municipal do Seixal - Pólo de Amora, Amora

**1999**

-Sonhar Lisboa, Galeria São Francisco, Lisboa

**2000**

-Associação Cultural Manuel da Fonseca, Pragal, Almada

### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

**1955**

-3ª Exposição de Artistas Plásticos, Galeria Pórtico, Lisboa

**1956**

-1º Salão dos Artistas de Hoje, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa

**1961**

-4ª Exposição de Artes Plásticas, organizada pela Câmara Municipal de Almada, Convento dos Capuchos, Costa da Caparica

**1987**

-Exposição de Artes Plásticas de Professores Artistas, Casino Estoril, Estoril

**1991**

-Exposição de Artistas Plásticos, Escola Preparatória D. António da Costa, Almada

**1992**

-Escola Preparatória D. António da Costa, Almada

**1993/94**

-Poemarte, Oficina da Cultura, Almada

**1994**

-Exposição de Solidariedade, Galeria Municipal de Almada, Almada

**1995**

-Exposição "Gerações Criativas", Oficina da Cultura, Almada

**1996**

-Animarte, Oficina da Cultura, Almada

-Solidariedade, Associação Manuel da Fonseca, Almada

-II Exposição Internacional de Artes Plásticas, Centro Cultural de Vendas Novas, Vendas Novas

**1997**

-Solidariedade, Galeria de Exposições d'Amora, Pólo da Biblioteca Municipal do Seixal, Amora

-I Bienal de Artes do Alentejo, Núcleos de Castro Verde e Odemira

-III Exposição Internacional de Artes Plásticas, Centro Cultural de Vendas Novas, Vendas Novas

-I Exposição Internacional de Artes Plásticas da Moita, Moita

**1998**

-Hospital Garcia de Orta, Almada

-Arte é feminino, Auditório Municipal de Vendas Novas, Vendas Novas

-Solidariedade com o Alentejo, Casa do Alentejo, Lisboa

-IV Exposição Internacional de Artes Plásticas, Centro Cultural de Vendas Novas, Vendas Novas

**1999**

-II Bienal de Artes do Alentejo (Núcleos de Fronteira e Moura)

-V Exposição Internacional de Artes Plásticas, Centro Cultural de Vendas Novas, Vendas Novas

**2000**

-Dia Internacional da Mulher, Galeria Municipal de Almada, Almada

-Preto e Branco, Grupo 13 + 4, Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Fórum Cultural do Seixal, Seixal

-VI Exposição Internacional de Artes Plásticas, Centro Cultural de Vendas Novas, Vendas Novas

-Preto e Branco, Grupo 13 + 4, Galeria de Arte do Complexo do Ensino Superior Jean Piaget, Pragal, Almada

## MARIANA SAMPAIO

Porto, 1974.

Licenciou-se em Artes Plásticas - Pintura, 1998, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Em 1997 participou no *workshop* de xilogravura na FBAUP com a Professora Birgitta Volz. No ano lectivo de 1997/1998 foi bolseira do Programa Sócrates / Erasmus, nas disciplinas de Gravura e Pintura.

### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

**1994**

-Alunos da FBAUP, Coreto da Foz do Douro, Porto

**1995**

-Pintura, Gravura, Serigrafia e Desenho, Hospital de Viana do Castelo, Viana do Castelo

**1996**

-Pintura, Gravura, Serigrafia e Desenho, Espaço "Pipa Velha"

-Batalha a Três, Hotel Mercure Batalha, Batalha

**1997**

-Encontros de Gravura FBAUP 97 dos finalistas e Professores, Casa de Artes, Porto

-Exposição de Finalistas, Castelo de Santa Maria da Feira e na Fundação Cupertino Miranda, Porto

-Bienal de Artes Plásticas "Prémio Vespereira"

-Feira Internacional das Indústrias da Cultura pela Galeria do Casino Estoril, FIL, Lisboa

-Exposição Colectiva dos alunos do *workshop* de xilogravura no Goethe Institut- Instituto Alemão

- "Novos / Colectiva de Artes Plásticas", Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1998**

-II Bienal de "Artes Plásticas - Vidro"

**1999**

-Participação no Prémio dos Rotários

**2000**

-Prémio de Pintura João Barata, Livraria Barata, Lisboa

- "XII Salão Primavera", Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

-Participação no Painel a favor da Casa do Artista, Galeria de Arte no Casino Estoril, Estoril

### PRÉMIOS

**1988**

-3º Prémio no Concurso "Os Jovens e a Poupança" da Companhia de Seguros Império, na modalidade Desenho

**1997**

-Menção Honrosa no X Salão da Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1998**

-Menção Honrosa no XI Salão da Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1999**

-Menção Honrosa no XII Salão da Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**2000**

-Distinção no Prémio de Pintura João Barata, Livraria Barata, Lisboa.

## MÁRIO VINTE E UM

Mário Schichting, de seu nome verdadeiro nasceu no Estado Paraná, Brasil, em 1948.

Licenciatura em Biologia pela Universidade Federal do Paraná.

Frequentou, em 1984, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná / Curitiba, Brasil.

Cursou pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 1988 e 1989.

Bacharelato em Pintura e Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Estudou Pintura na Fachhochschule, em Aachen, Alemanha, em 1993, integrado no Projecto Erasmus.

Criou séries de selos para os correios das Repúblicas de Angola e Guiné Bissau.

### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

(selecção)

**1981**

38 Salão Paranaense de Artes Plásticas, Brasil

**1982**

1ª Mostra de Pequeno Formato, Clube Sirio-

Libanês, Brasil

**1983**

40º Salão Paranaense de Artes Plásticas, Brasil

**1987**

S.E.S.C., Brasil

**1988 / 91**

Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1989**

Salão de Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1992**

III Salão de Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1993**

Inauguração da Casa de Moçambique

Galeria Gan, Lisboa

Finalistas da ESBAL, Lisboa

**1994**

XIII Salão de Outono, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

Pequeno Formato, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

**1995**

Artistas Latino-Americanos, Galerie de Belle-Gard, França

Colectiva de Natal, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

Galeria Municipal de Rio de Mouro, Sintra

Galeria Potthoff, Lisboa

**1996**

Salão de Pequeno Formato, Pessoa no Casino, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

Casa de Portugal, Le Plaisir, Paris, França

Homenagem a Artur Bual, Zerofigura, Galeria Municipal da Amadora, Amadora

Les Côtéaux d'Avignon, Avignon, França

Pequeno Formato, Galeria JE, Lisboa

**1997**

Salle Maubert, Paris, França

**1999**

10 Pintores Contemporâneos, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

Bienal da Nazaré (artista convidado), Nazaré

**2000**

Colectiva Lusófona, Erotismo, Galeria Municipal Gymnásio, Lisboa

Art House, Galeria Cascais Casa da Guia, Cascais

Exposição de Arte Contemporânea, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril

Price Water House e Coopers, Lisboa

As Formas e as Cores, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril e Stª Maria da Feira

### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

**1989**

Galeria O Patamar, Sintra

Galeria da Junta de Turismo da Costa do Estoril, Estoril

**1990**

Galeria O Patamar, Sintra

**1999**

Galeria do Centro Comercial Amoreiras, Lisboa

**2000**

Galeria Enes, com Edgardo Xavier e Santos Carvalho, Lisboa

### PRÉMIOS

**1981**

Prémio de Aquisição, atribuído pelo Ministério da Educação e Cultura, no Salão Paranaense de Artes Plásticas, Curitiba, Brasil

**1989 e 1991**

Menção Honrosa, Casino Estoril, Estoril

**1992**

Grande Prémio de Concepção de Selos para os C.T.T. da República de Angola e 1º Prémio de Concepção de Selos dos PALOP's

**1995**

1º Prémio de Pintura no Concurso Nacional Comemorativo dos 600 Anos dos Bombeiros Voluntários Portugueses, Sintra.

### BIBLIOGRAFIA

*Dicionários dos Pintores e Escultores Portugueses*, de Fernando Pamplona, V tomo, 2ª ed., Livraria Civilização, Lisboa;

*Portugal: o Artista e Seu Mercado*, de Narcizo Rodrigues;

*Artes Plásticas*, de Fernando Infante, II tomo; *50 Anos de Pintura e Escultura em Portugal*, Univ. Editorial, 2000.

### REPRESENTAÇÕES

Museu de Arte Primitiva Moderna, Guimarães;

Museu de Jaén, Espanha; Secretaria de Educação,

Curitiba, Brasil; Museu de Arte Sacra Primitiva,

Universidade Católica, Lisboa e Câmara Municipal de Cascais.



#### FICHA TÉCNICA

Título	<i>Um Olhar sobre a Obra de Eça de Queiroz</i>
Texto	Edgardo Xavier
Colaboração	Albino Moura
Fotografia	Sector de Apoio Gráfico e Edições da CMS
Organização	Divisão de Acção Cultural e Divisão de Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico
Montagem	DAC - Sector de Artes Plásticas da CMS
Concepção gráfica	companhia dos riscos - design, lda
Revisão	Sector de Apoio Gráfico e Edições da CMS
Edição	CMS
Tiragem	300 exemplares
Impressão	companhia dos riscos - design, lda
Data de Impressão	Junho de 2001

A informação constante nas páginas 8 a 13 foi retirada de:  
*Dicionário de Eça de Queiroz* / org. e coord. de A. Campos Matos -  
Lisboa: Caminho, cop. 1988 - 646 pp: il.; 26 cm  
(Encadernado) | compra  
*Queirós, Eça de, 1845-1900 / Crítica e história literária*  
CDU: 821.134.3 Queirós, Eça de.09  
COTA: 010484 BMSXR  
010486 BMSXAMR

# MAIS EMBORA TAL O CONJEC re casa de Ramire PROS BARRA O Crime do Pad



Fórum Cultural do Seixal  
Galeria de Exposições Augusto Cabrita

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL